

## FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA  
*Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção artística  
*José Maia*

Assistente de Galeria  
*Diogo Ludgero Almeida e Patrícia Barbosa*

Fotografia  
*Manuela Matos Monteiro, João Lafuente e Diogo Ludgero Almeida*

Vídeo  
*João Lafuente e Diogo Ludgero Almeida*

Press Officer  
*Patrícia Barbosa*

Design  
[Focus] *Inês de Oliveira, Joana Matos*



*de Silvestre Pestana*

## ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor n.º 159  
Campanhã, Porto  
929 145 191 - 929 113 431

Email: [contacto@espacomira.net](mailto:contacto@espacomira.net)  
Fb: [www.facebook.com/espacomirafotografia](https://www.facebook.com/espacomirafotografia)

**Terça a sábado, das 15:00 às 19:00**  
*Entrada Livre*



15 Nov - 13 Dez

## PROGRAMA | SUFOCO

15 Nov | **SUFOCO**

17h 30 Inauguração da exposição individual de Silvestre Pestana

29 Nov | **"Amanheceu enquanto conversávamos"**

17h 30 Conversa com Eduarda Neves, Casimiro Pinto, António Alves e Silvestre Pestana

13 Dez | **Performance**

Encerramento da exposição

17h 30 Performance "Drone V" por Silvestre Pestana

"Jogar com a realidade: invasão do espaço físico e exploração

## PRÓXIMOS EVENTOS | ESPAÇO MIRA

**2014**

21 Nov - 22 Nov | 21h30 | **Duo Sobre Desvios**

Performance-teatro de Cadu Cinelli e Fabricio Moser

20 Dez - 17 Jan | **MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA (FIGURAS)**

Exposição individual de Miguel Leal

**2015**

24 Jan - 21 Fev | **dar destino e voltar a olhar**

Exposição colectiva com Susana Gaudêncio, André Sousa, Paulo Jesus, Celeste Cerqueira

28 Fev

Exposição individual de Cristina Mateus

## SUFOCO | FICHA TÉCNICA

Artista

*Silvestre Pestana*

Curadoria

*José Maia*

Fotografia

*António Alves*

Textos

*Eduarda Neves e Casimiro Pinto*

Produção

*António Alves*

Texturas

*Diogo Ludgero Almeida Faria*

Programação

*António Teixeira aka Antonius Dollinger*

Construção

*Paulo Fernandes aka Genius Bikcin*

Sonoplastia

*von Ratavatar*

Montagem

*Espaço MIRA*

Catálogo

*Cultureprint, srl (Catarina Rocha)*

## APOIOS

V\5 Portuguese Art Foundation

Sempre Imagem Digital

Linha Limão

Liga de Iniciação e Propaganda Aeronáutica (LIPA)

*O artista e o Espaço Mira agradecem a:* Celeste Cerqueira, António Alves, Eduarda Neves, Casimiro Pinto, António Teixeira, Paulo Fernandes, Catarina Rocha, von Ratavatar, Equipa do Espaço Mira, V\5 Portuguese Art Foundation, Sempre Imagem Digital e Linha Limão.

## SILVESTRE PESTANA | artista

Silvestre Pestana nasceu em Funchal em 1949. É licenciado em Artes Gráficas e Design pela ESBAF, mestre em Ensino de Arte e Design pela De Montford University. Foi professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Estudou Televisão e Música Electrónica na Universidade de Estocolmo.

A sua obra impõe-se pela radicalidade das intervenções que, desde o primeiro momento, se apoiam num intencional hibridismo resultante do jogo e permutação entre signos linguísticos e signos não linguísticos. A contaminação que, nos anos 1960 e 70, deriva da utilização de material gráfico diverso, passará a encontrar, nos anos 80, um apoio na utilização do vídeo e dos meios informáticos. Misturando frequentemente, e de um modo intencional, questões relacionadas com a materialidade e a mediação, na sua obra os procedimentos baseados em sistemas digitais aparecem misturados com a representação de carácter analógica. Os seus trabalhos recentes, no âmbito da performance, em espaços reais ou virtuais como o Second Life, são fundamentais para aferir o modo como as práticas experimentalistas interferem com as práticas sociais em que se articulam.

Algumas das suas exposições individuais incluem: Acrilic Kunst, Galeria K, Estocolmo (1972); Radiologias, Galeria C.A.P.C. (1980); Bio-Virtual, Galeria Árvore (1984). É autor dos vídeos: Ave (1976); Mater (1978); Vídeo poemas (1979); Óvulo (1979); A Computer Story (1979); Necro-Eco (1979); Crosnosgrafias (1979); Pirâmide (1979); Homeostasis (1980); Geo-Psico-Verso (1980); Bio-Virtual (1983). Autor, nos anos 80, de poemas programados para ZX81, ZX82 e, posteriormente, em versão cromática para Spectrum, intitulados Computer poetry. Realizou pautas poético-gráficas musicais para Anar Band e publicou o livro/catálogo de exposição Águas Vivas (Galerias Alvarez, 2002). Co-organizou What is Watt? (desde 2001), e participa com frequência na Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira. A sua obra foi objecto de uma exposição no ciclo Nas Escritas PO.EX (Povo Novo Virtual, 2013).

## EDUARDA NEVES | conferencista, texto crítico

Licenciada em Filosofia. Doutorada em Filosofia, com a tese "Sobre o auto-retrato. Fotografia e modos de subjectivação". Professora Auxiliar na Escola Superior Artística do Porto. Lecciona, desde 1987, nas áreas da Estética, Artes Visuais e Artes Performativas. Investigadora Responsável do Grupo de Investigação em Arte e Estudos Críticos do CEAA, Porto. Editora Convidada da Revista Persona, n. 2, "Filme, Teatro. Experimentações e Deslocamentos" (Setembro, 2014). Últimas publicações: "The face is a Map: Self-Performance by Jurgen Klauke"; "Digging the archive: on self-portrait, cinema and photography"; "Art and Utopia. The siren's lesson" e "Self-Portrait II (Lost in the city)". Direcção e Programação do Projecto "Algumas razões para uma arte não demissionária", apoiado pela DGArtes - Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

## CASIMIRO PINTO | conferencista, texto crítico

Mestre (2004) pela Universidade Aberta em Relações Interculturais com a dissertação "Estamos Aqui para Jogar - Os Jogos Electrónicos e a Internet no Quotidiano das Crianças". Doutoramento pela mesma instituição (2011) em Antropologia Visual com a tese "Videojogos: Imagens, Interação e Narração". Casimiro Pinto é investigador no CEMRI/UAB - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta e, também, Professor de Antropologia Visual na mesma instituição.

Participou como orador convidado em diferentes conferências, bem como autor em diversas publicações nacionais e internacionais com arbitragem científica sobre a ciência e a arte dos videojogos.

## DISPOSIÇÃO

### SUFOCO Virtual

Projecção: Bot envergando animações de tês helios durante 24h/7dias no Angel Isles, 82, 67, 282 na plataforma da Secondlife. Dimensões variáveis 2014

10

### SUFOCO III

Fita em LED SMD azul sobre pavimento de vinil 300cm x 300cm 2014

7 8

9

6

5

4

3

1

2

### SUFOCO II "BEAM ME UP"

#1, #2, #3 - 1/4 Escultura 3D em material cerâmico visijet pxl - impressão em sinterização selectiva a laser 22,5 cm x 8,9 cm 2014

1

2

### SUFOCO I

#2, #1, #3, #4, #5, #6, #9, #8, #7 Fotografia, Impressão a jacto de tinta - PVC 100cm x 100cm 2014

## O QUE PODE UM CORPO

A propósito de Lewis Carroll e das razões invocadas para modificar o título inicial da obra "As aventuras subterrâneas de Alice" para "Do outro lado do espelho", Gilles Deleuze convida-nos a pensar que não há "aventuras de Alice, mas uma aventura: a sua ascensão à superfície, a sua desmistificação da falsa profundidade, a sua descoberta de que tudo se passa na fronteira". Recorda-nos ainda o preconceito de associarmos *superficial* a pouca profundidade e não a vasta dimensão. Pelo contrário, associamos *profundo a grande profundidade* e não a fraca superfície.

As imagens de *SUFOCO* materializam a vontade em não operar para lá da superfície da imagem, do espelho, impedindo que a obra se distancie da reflexão sobre o próprio suporte, como se o tema fosse um simples pretexto para exibir a série e a superfície. O indivíduo singular, agrupado na série, dissolve-se no anonimato.

Dissociando-se da tradição oitocentista do retrato psicológico e do entendimento do retrato como forma de trazer à superfície da imagem qualquer segredo a desvendar, *SUFOCO* distancia-se de qualquer componente intimista. As imagens produzidas afirmam a primazia da superfície, activando uma espécie de operação desconstrutiva do realismo óptico. A singularidade das imagens exprime-se numa lógica tipológica que o dispositivo da exposição reforça. O retrato em série torna semelhante o retratado mas falta-lhe a sua própria semelhança, a sua origem. Pela série o significado assume o papel de significante e o significante o de significado. Assegura-se a simultaneidade mas não a igualdade. Repetição e não reprodução. Uma série adquire sentido em função de outra série, tal como a identidade subsume a multiplicidade: "A forma serial é, pois, essencialmente multisseriada. Já é assim em matemática, onde uma série construída na vizinhança de um ponto não tem interesse a não ser em função de uma outra série, construída em torno de outro ponto e que converge ou diverge da primeira."

Impossível tarefa essa, a da identidade. Impossível subtrairmo-nos à superfície: uma imagem é uma imagem é uma imagem, diria Kosuth.

A aparente simplicidade das imagens associada à ausência de espontaneidade, situa-as numa dimensão fundamentalmente analítica cujo sentido político e só aparentemente lúdico, se incorpora na memória subjectiva do corpo. A objectividade não é assumida como mera linguagem formal mas como aproximação crítica à realidade histórico-política. A banalização da guerra exprime-se na aparente banalidade da superfície e mobiliza a estratégia de construção da objectividade. Por isso, *SUFOCO* é ainda uma operação micropolítica que, tornando visíveis as relações de dominação, provoca a resistência dos modos de subjectivar.

Entre o artista e os seus modelos, o autor e os seus anónimos, resta a margem para percorrer, um desdobramento de superfície. Assim podemos equacionar a impossibilidade da representação.

Eduarda Neves

## JOGAR A REALIDADE: INVASÃO DO ESPAÇO FÍSICO E EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO VIRTUAL

Cada artista escolhe da realidade material, social e cultural, as combinações que lhe interessam em função de uma finalidade, ou simplesmente, das possibilidades em proporcionar experiências de fruição estética, combinando múltiplas possibilidades de experimentação de realidades possíveis. Criar é, neste sentido, a capacidade de desenvolvimento criativo de ideias, pelo artista, no propósito de atribuir realidade e valor ao vivido da experiência estética, tornando manifesto o repertório hipotético de ações, sensações, emoções e sentimentos contidos na exploração do espaço de vaivém inter@Mundos, virtualizando-o e virtualizando-se num universo desterritorializado. É a partir das características de desrealização e da ação de desterritorialização que se unificam na obra de arte que o artista começa por estabelecer as redes de conexões entre as "coisas da criação" e as "coisas do mundo". Que seja esse o *SUFOCO*, pela vertigem, de alguém que observa um dispositivo de representação que se abre para incluir quem o observa, então com estatuto de co-criador, e à galeria de arte que o contém, no mundo que representa - só atores fazem os metaversos, só por eles a arte é intervenção, só então a realidade é jogo, é mais real.

SÓ ATORES FAZEM METAVERSOS, INTERVINDO no fluxo de acontecimentos e explorando os espaços de criação, influenciando a forma como os objetos estéticos aprontam os seus significados, subjugando-se à estética do desfrute imediato.

SÓ POR ELES A ARTE É INTERVENÇÃO PARTILHADA DOS SEUS CO-CRIADORES, pelas possibilidades de envolvimento intelectual e de performance estética obrada na relação que os inter@Mundos estabelecem com os seus residentes e destes entre si, SUBJETIVAMENTE.

SÓ ENTÃO A REALIDADE É JOGO, É MAIS REAL PELO EFEITO DE CONTAMINAÇÃO QUE UM MUNDO PROPAGA NO OUTRO. NO LIMITE, O DESAFIO extremo que coloca o encontro entre o espaço INTER@MUNDOS e o seu residente consiste em conseguir que este experimente a sensação "de estar lá", sem mediação, no interior do próprio ambiente gráfico que, talvez com esse propósito, consume realismo na sua representação.

A possibilidade do nosso avatar nos dar respostas emocionais, com as quais se pode ou não concordar, coloca-nos numa posição moral que nos desvincula da nossa identidade física, que nos permite jogar com a nossa identidade pública e permite que se testem e ampliem os nossos conhecimentos subjetivos, mas não a ordem das nossas vidas, lembrando-nos que ao virtual faltará sempre aquilo que outorga a sua força à produção estética e à vida: a irreversibilidade dos factos e a caducidade do artista, que não da SUA ARTE. Essa é a discussão que, naturalmente, fica de pé. FICARÁ SEMPRE.

Casimiro Pinto